SOARES, Hélio Soares Santos

O Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada. O património em diálogo com a sociedade. Nos 480 anos da fundação

Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2021. 431 p. ISBN 978-989-735-325-3

MARGARIDA SÁ NOGUEIRA LALANDA

doi: https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2024.15992

Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, CHAM-Centro de Humanidades
https://orcid.org/0000-0002-7015-8546

«Conhecer e estudar o património material e imaterial do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada, como local de vida, sobrevida religiosa e de manifestações de vivências de fé»: eis o objetivo deste livro, nas palavras do seu autor, padre Hélio Nuno Santos Soares (p. 281). E explicita, na Introdução (p. 25-30): «A escolha do título deveu-se à nossa sensibilidade pessoal e à formação de base em teologia e história, bem como à consciência da lacuna na investigação científica sobre o património religioso identitário dos açorianos, não só quanto à forte dimensão material, mas também quanto à imaterialidade da fé cristã subjacente. Não há, por exemplo, uma monografia sobre o Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança. É neste contexto que este trabalho procura contribuir para um maior conhecimento e maior fruição do complexo monástico e da comunidade [...] que o habitou [...; porém,] não foi o nosso intuito fazer uma monografia do Mosteiro. [...] É [...na] reflexão geral de diálogo patrimonial com a sociedade, no âmbito da museologia social, independentemente do seu conceito, que procuramos enquadrar o nosso trabalho. Pretende ser uma reflexão histórica e patrimonial sobre este imóvel, classificado como Imóvel de Interesse Público, em 1953, que se assume como um relevante património histórico e cultural nas dimensões material e imaterial, de modo a promovermos a sua valorização» (p. 26). E para esta valorização ser completa Hélio Soares propõe um percurso de visita que irá «gerando motivação, interação e experiência no contexto [físico e espiritual] próprio da vivência [que caracterizou este mosteiro] e permitindo a construção de um discurso educativo e autoeducativo» (p. 29).

Uma primeira versão constituiu, em 2018, a dissertação de mestrado em Património Cultural, Museologia e Desenvolvimento, na Universidade dos Açores. Para a publicação, o texto «foi revisto e aumentado significativamente, quer com novas informações resultantes da investigação realizada posteriormente» na prossecução do trabalho arquivístico e de recolha de fontes publicadas (para a elaboração da tese doutoral em curso sobre o culto cristológico nascido neste convento no final do século XVII), quer com a inclusão de numerosas fotografias e da descrição das abundantes esculturas e outras peças existentes no coro alto para poder «ser aprofundada e refletida por especialistas em diferentes áreas» (p. 25 e 26). No Prefácio (p. 23-24), uma das orientadoras do trabalho inicial, Susana Goulart Costa, salienta: «É certo que o autor poderia ter apenas apresentado uma análise histórica e patrimonial do Mosteiro de N.ª Sr.ª da Esperança. Mas Hélio Soares reflete sobre a sua investigação e reenquadra-a numa dimensão humanista, ao propor a musealização conventual. Esta perspetiva confere uma profunda riqueza a este estudo, situando-o numa proposta que se contextualiza no âmbito da Museologia Social. [...] Assim a obra [...] assume-se como um compromisso em prol de um

projeto cultural que é desafiante [...] também para toda a sociedade em geral» (p. 24). A edição data, de propósito, do 480º ano da fundação, em 1541 e com freiras da Ordem de Santa Clara, deste primeiro mosteiro feminino da então vila de Ponta Delgada, na ilha açoriana de São Miguel.

O primeiro capítulo, «A família franciscana: de Itália para os Açores» (p. 31-46), sintetiza brevemente as principais características da Ordem de São Francisco e da Ordem de Santa Clara e as da presença de ambas no arquipélago dos Açores entre os séculos XV e XIX. O segundo, «O Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança: da fundação à atualidade» (p. 47-164), o mais extenso, ocupa-se quase em exclusivo do complexo edificado e dos seus diferentes espaços cobertos e ao ar livre, de 1541 até 2021, e tem a particularidade de repartir as zonas entre «locais de intimidade com Deus» e «espaços utilitários»; no final, após a descrição da história do conjunto desde a legislação liberal promulgada em 1832 nos Açores, apresenta as diferentes funcionalidades que nele existiram e as que foram propostas mas recusadas. É pena que Hélio Soares tenha optado por incluir neste capítulo, e não na última parte do anterior (onde se enquadraria muito melhor), a secção «Curiosidades de uma comunidade de Clarissas» (p. 55-67). A detalhada investigação bibliográfica e arquivística realizada pelo autor sobre este convento permite-lhe corrigir uma ideia veiculada anteriormente por vários outros: a de que a vida religiosa aqui teria sido ininterrupta ao longo destes 480 anos graças à passagem ao estatuto de Recolhimento entre a sua extinção como mosteiro em 1894, na sequência do falecimento nele da última franciscana professa antes de 1832, e a entrada de uma nova Ordem feminina em 1928. «As recolhidas mantinham vida comunitária, conservando o imóvel e fazendo a manutenção das celebrações do culto, estando a seu cargo o cuidado da Imagem do Senhor Santo Cristo. [... Elas tinham um] estatuto algo híbrido [... e não eram religiosas professas mas sim] senhoras recolhidas pelos motivos mais díspares» (p. 153).

«A Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres de Ponta Delgada», com todo o seu património material e imaterial, é o objeto aprofundado do terceiro capítulo (p. 165-246); embora a descrição pormenorizada desta imagem de busto de "Ecce Homo" e dos seus valiosos adornos oferecidos por devotos (e por isso aqui denominados «dons») tenha sido, incompreensivelmente, colocada no final em vez de logo no início, são aqui bem apresentados os principais aspetos daquilo que se conhece atualmente sobre a sua possível origem, a sua presença nesta comunidade clarissa, as suas zeladoras, o início e uma síntese breve da evolução do culto cristológico a ela associado e dois exemplos, um regional e um internacional, da expansão deste. O motivo para toda esta análise encontra-se afirmado com a máxima clareza mais adiante, já na Conclusão: «Se o complexo monacal e parte do seu património integrado chegou aos nossos dias em razoável estado de conservação, [tal] deveu-se ao culto e à devoção ao Senhor Santo Cristo, porque possibilitou a manutenção, com alguns interregnos, da vida religiosa no Mosteiro da Esperança no decurso dos séculos XX e XXI» (p. 283).

É no quarto, e último, capítulo, «Uma proposta para a musealização do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança» (p. 247-280), que se encontra o fundamento para a segunda parte do título deste livro, «O património em diálogo com a sociedade». Após considerações explicativas quanto ao papel social dos museus religiosos e às formas de preservação e divulgação dos bens culturais de instituições católicas, com os respetivos enquadramentos legislativo e museal, Hélio Soares expõe a sua proposta de «percurso museológico da Coleção Visitável

do Santuário Diocesano do Senhor Santo Cristo dos Milagres», o único figurino possível, em seu entendimento, enquanto esta instituição não dispuser do instrumento de base de qualquer processo de musealização: um inventário dos seus patrimónios imóvel e móvel.

Naturalmente, a Conclusão (p. 281-284), as Fontes e Bibliografia (p. 285-311), os Anexos (p. 313-392) e as Notas (p. 393-429) são as secções finais. Não decorre, neste caso, qualquer prejuízo do facto de a ordem escolhida não ser a tradicional, em que nada mais haveria após as Fontes e Bibliografia.

Numa apreciação crítica global é de salientar que o livro *O Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada. O património em diálogo com a sociedade. Nos 480 anos da fundação* enriquece bem o conhecimento da caracterização dos espaços e devoções particulares desta comunidade religiosa clarissa e das suas continuadoras, bem como o do enquadramento da especial devoção coletiva e da sociedade ao Senhor Santo Cristo dito «dos Milagres». Hélio Nuno Santos Soares demonstra possuir à-vontade na pesquisa, na consulta e na utilização da abundante documentação em que se apoia, seja arquivística seja bibliográfica. A sua proposta de Coleção Visitável constitui um promissor ponto de partida para o «diálogo com a sociedade» participante no processo de valorização e fruição de tão importante património histórico e cultural.